

[Texto crítico/abertura/curadoria] Individual Lourdes Cedran

Tod Galeria, São Paulo/SP, 24 de agosto a 13 de setembro 1968.

Lourdes faz coisas.

Coisas que causam surpresas
e que geram prazer,
o prazer da descoberta
e também a curiosidade de saber como foram feitas.

As coisas de Lourdes, à primeira vista,
parecem aquelas caixas esquisitas
ou aqueles objetos estranhos
que se encontram nas lojas de coisas
ou nos quartos de despejo das casas antigas.

Quem não se recorda das primeiras descobertas
no sótão da casa grande,
os objetos que com o correr do tempo
perderam seu uso ganhando significados,
principalmente no momento que se integram
em nossa fantasia.

Horas e horas
ficávamos participando de um mundo todo particular
num diálogo fantástico entre nós e a coisa.
Naquele momento a coisa deixava
de ser coisas,
para se tornar coisa nossa.

Assim são as coisas de Lourdes.
Um mundo que não é só dela,

mas também nosso, vosso e de todos,
cujos significados podem variar
de indivíduo para indivíduo.

Lourdes faz a gente participar da coisa
e a coisa participar da gente.
Um mundo estranho, porém ordenado
uma entropia que só Lourdes sabe fazer.

Cabeça de macaco com corpo de cobra,
vértebras de animais,
esqueletos em construções diversas
e compostos de tal forma a modificar
a criação das coisas.

Lourdes corajosamente transporta
a um nível superior,
artístico e semântico
as coisas simples
que os comprometidos costumam jogar fora
e os sensíveis encontram significados.

Lourdes é na realidade uma criadora de objetos.
Seus objetos não são, evidentemente,
de uma sintaxe e pragmática já conhecidas,
pelos que usam da Pop ou do Neodadaísmo,
mas, quem sabe, alguma coisa a mais na coisa,
isto é, uma íntima correlação
com aquelas manifestações simbólicas
do inconsciente e do fantástico.